

Sexualidade Feminina: de Freud à contemporaneidade

Female Sexuality: from Freud to contemporaneity

Angela Maria Marques Girardi

Contemporâneo Instituto de Psicanálise e Transdisciplinaridade
Rua 24 de Outubro, 838/801, Independência, 90510-000, Porto Alegre, RS, Brasil
ammg.voy@terra.com.br

Resumo: Pensar a sexualidade feminina nos tempos atuais remete a um retrospecto acerca das principais ideias do fundador da psicanálise e de autores contemporâneos a ele. Remete, também, às importantes contribuições lacanianas que, junto a Freud, exerceram relevante influência nos pensadores da atualidade. Busca-se, desta forma, apresentar um breve recorrido sobre esta temática, expondo concepções discordantes entre os autores de forma a possibilitar algumas reflexões críticas.

Palavras-chave: Sexualidade feminina. Monismo sexual. Castração.

Abstract: Female sexuality thoughts in the present times refer to a retrospective of main ideas exposed by psychoanalysis' founder and his contemporary authors. It also regards to the important Lacanian contributions that exerted a relevant influence on today's thinkers along with Freud. Thus, a brief tour of this theme is presented, exposing discordant conceptions among the authors in order to make possible some critical reflections.

Keywords: Female sexuality. Sexual monism. Castration.

Introdução

O tema sexualidade feminina vem perdendo espaço, nas últimas décadas, para as discussões acerca de gênero e para os embates feministas ao redor do mundo. A feminilidade já não mais é vista como um atributo apenas da mulher. Os estudos realizados por Stoller (1993), a partir da década de 1950, destacaram a presença de uma linha que vai da feminilidade à masculinidade, podendo, cada sujeito, independente do sexo biológico, apresentar diferentes graus de um e outro atributo. Foi ele o criador do termo identidade de gênero que, somando-se à revolução sexual dos anos 1960, à evolução dos costumes, às lutas feministas para a emancipação da mulher, aos movimentos sociais em defesa dos grupos LGBT e, mais recentemente, à teoria Queer, acabou

ampliando, problematizando ou relativizando o delineamento do que seja a sexualidade feminina. Por outro lado, torna-se legítimo pensar que agregou reflexões de valor a esta discussão, justificando sua continuidade e aprofundamento.

A compreensão desta temática passa, necessariamente, por um olhar retrospectivo, abrangendo aspectos históricos relacionados aos discursos sobre a sexualidade feminina ao longo dos séculos. A presente exposição, todavia, terá um propósito mais restrito. Será apresentado um panorama geral do que foi pensado, até o momento, sobre a sexualidade feminina, partindo das concepções freudianas sobre o tema, agregando algumas contribuições de autores que na época o contestaram, além dos acréscimos lacanianos e, em especial, de autores da atualidade. Ressalta-se que o aprofundamento dos temas, a amplitude de autores e a extensão dos conceitos serão limitados, atendendo ao objetivo de trazer elementos que despertem, nos leitores, curiosidade e desejo de ampliar a pesquisa e a reflexão sobre este saber sempre incompleto — não apenas acerca do feminino, como habituados todos estão a escutar, mas ao saber incompleto sobre a sexualidade.

Antes de dar início à explanação propriamente dita, torna-se importante lembrar que a psicanálise se encontra inserida num contexto histórico e cultural em que as biografias de seus fundadores e expoentes imprimem sua força e sua marca.

A psicanálise teve seu início com a escuta apurada de um médico vienense nascido na segunda metade do século XIX, tomado pelo desejo de entender o padecimento da mulher histérica de sua época. O que será retratado, inicialmente, é uma síntese das concepções de Freud acerca da sexualidade feminina, lembrando que, para ele, a mulher era como um continente obscuro e que suas descobertas neste terreno tinham um caráter inacabado.

As formulações freudianas

É nos ‘Três ensaios sobre a teoria da sexualidade’ (1905/1972) e em ‘Sobre as teorias sexuais das crianças’ (1908/1976) que Sigmund Freud vai propor as bases de sua teoria sobre a feminilidade, afirmando a existência de um monismo sexual fálico, ou seja, no início do desenvolvimento, meninos e meninas seriam semelhantes, ambos desconheceriam a vagina e todas as crianças seriam possuidoras de um pênis, sendo o clitóris seu equivalente. A percepção da ausência de pênis nas meninas ativará o complexo de castração nos dois sexos e a inveja do pênis na menina. Esta afirmação será alvo de contestação por parte de alguns autores, inclusive entre seus pares na época.

Em 1923/1976, em seu artigo ‘A organização genital infantil’, Freud irá destacar que o que diferencia a sexualidade infantil da adulta é que a primeira é fálica e a segunda é genital. Na fase sádico-anal, a diferença será entre ativo e passivo e, na seguinte, entre fálico e castrado. O diferencial entre masculino e feminino dar-se-á apenas na puberdade.

O menino, ao constatar a falta de pênis na mulher, poderá desenvolver menosprezo, profunda aversão a ela, ou encaminhar-se até mesmo à homossexualidade. Freud declara, neste artigo, seu conhecimento ainda insuficiente sobre o que se passa com a menina.

A dissolução do complexo de Édipo no menino realizar-se-á sob a ação do complexo de castração que reativará as vivências do desmame e a separação cotidiana das fezes (Freud, 1924/1976). O conflito entre os desejos libidinosos dirigidos à mãe e a preservação narcísica de seu órgão viril normalmente será resolvido a favor deste último. A fase fálica é contemporânea ao complexo de Édipo.

O complexo de castração é acionado na menina quando da constatação da falta do pênis, sentindo-se inferior e buscando compensar esta falta (complexo de virilidade). Ao contrário do menino, aqui o complexo de castração introduz a menina no Édipo, voltando-se para o pai na tentativa de substituir o pênis que lhe falta por um filho.

Neste artigo de 1924/1976, Freud ressalta as diferenças na formação do superego entre os dois sexos. No menino, ele ocorre a partir da possibilidade de perda do órgão, ocorrendo a introdução da autoridade do pai ou dos pais, sendo os investimentos libidinais substituídos por uma identificação com a severidade paterna, mantendo a interdição do incesto. Inicia-se a latência. Já o superego na menina é menos severo, pois a castração já está consumada, ocorrendo sua formação de maneira gradual e em decorrência da educação, intimidação e temor de não ser mais amada. A anatomia é o destino, frase esta que demarca seu pensamento neste momento.

Em 1925/1976, tratará das consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos, afirmando que o Édipo, no menino, é uma formação primária. Na menina, é uma formação secundária, pois seu desejo é direcionado primeiramente à mãe, a seguir, ao pênis, dirigindo-se então ao pai para dele obter um filho, que nada mais é que o substituto do desejo do pênis. O apego ao pai seria uma consequência da inveja do pênis, assim como o ciúme típico das mulheres.

“A grande questão que jamais foi respondida e que ainda não fui capaz de responder, apesar de meus trinta anos de pesquisa da alma feminina, é: o que quer uma mulher?” é o comentário feito por Freud a Marie Bonaparte, relatado por E. Jones e registrado em nota de rodapé no texto ‘Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos’(1925/1976, p. 304).

Freud (1925/1976, p. 320) observa, no artigo acima citado, que “todos os indivíduos humanos, em resultado de sua disposição bissexual e da herança cruzada, combinam em si características tanto masculinas quanto femininas, de maneira que a masculinidade e a feminilidade puras permanecem sendo construções teóricas de conteúdo incerto”.

Este trabalho provocou consideráveis repercussões entre os psicanalistas e, seis anos após, Freud publica seu primeiro texto dedicado exclusivamente à sexualidade feminina (1931/1974), quando então irá introduzir a importância da fase pré-edípica na menina e sua dupla tarefa de mudança de objeto (da mãe para o pai) e de mudança de órgão (do clitóris à vagina).

No Édipo negativo (fase pré-edípica), o pai é considerado um rival para a menina e pode ocorrer que esta ligação intensa com a mãe nunca seja abandonada. Essa ligação assume os traços das fases que atravessa: orais, anais, fálicos, ativos e passivos.

Tudo na esfera dessa primeira ligação com a mãe me parecia tão difícil de apreender nas análises – tão esmaecido pelo tempo e tão obscuro e quase impossível de revivificar – que era como se houvesse sucumbido a uma repressão especialmente inexorável. Mas talvez tenha ficado com essa impressão porque as mulheres que estavam em análise comigo podiam aferrar-se à própria ligação com o pai em que se tinham refugiado da fase primitiva em questão. (Freud, 1931/1975, p. 260-261).

A intensa dependência de uma mulher em relação ao pai constitui simplesmente a herança de uma ligação igualmente forte com a mãe, o que poderá acarretar em uma hostilidade com o marido. Ou seja, esta hostilidade originalmente dirigida à mãe é simplesmente reforçada no Édipo e posteriormente transferida ao marido.

A bissexualidade é vista como mais evidente nas mulheres devido à existência de dois órgãos sexuais: o clitóris e a vagina, sendo no primeiro que as sensações são percebidas na infância. A vida sexual da menina comporta, assim, duas fases: a primeira de caráter masculino (atividade clitoriana) e a segunda especificamente feminina.

Freud já não vê mais analogia entre o Édipo feminino e o masculino. Um dos resíduos do complexo de castração no homem será a depreciação da mulher enquanto ser castrado. Já a menina irá reconhecer sua castração e a superioridade do homem, mas protestará quanto a isto. Três saídas lhe serão apresentadas:

- a) desistir da masturbação para não lembrar de sua inferioridade. Renuncia à sexualidade, ocorrendo a frigidez;
- b) aferrar-se à sua masculinidade ameaçada. Persiste em ser menino. Homossexualidade manifesta ou traços marcadamente masculinos. Complexo de masculinidade;

- c) feminilidade normal: abandonar a mãe que amou. Não perdoa a mãe, ressentido dela e coloca o pai em seu lugar. Identifica-se com a mãe — objeto perdido — e tenta tomar o lugar dela junto ao pai: por ciúmes e por mortificação pelo pênis que lhe foi negado. Volta-se ao pai, desejando ter seu pênis à sua disposição. A seguir, deseja ter um filho com ele. É a equivalência pênis-bebê.

E o que leva a menina a afastar-se da mãe tão amada? Freud enumera várias razões:

- a) tanto o menino quanto a menina se afastam por ciúmes de outras pessoas (rivais, como os irmãos, pai, etc. — o amor infantil é ilimitado e exige posse exclusiva);
- b) é um amor incapaz de satisfação completa, levando ao desapontamento e atitude hostil;
- c) a descoberta de sua inferioridade orgânica, identificando também na mãe a castração e, com isso, depreciando-a;
- d) a mãe, que despertou sua atividade sexual (higiene infantil — sedução) proíbe sua masturbação, levando-a ao ressentimento;
- e) a censura, em decorrência da mãe não lhe ter dado um pênis apropriado, pode remeter a queixas de não ter sido suficientemente amamentada (voracidade infantil).

Mas, para Freud, o principal motivo é que a intensa ligação da menina à mãe é fortemente ambivalente. Para os meninos, é mais fácil lidar com esta ambivalência dirigindo toda a sua hostilidade para o pai.

Há, neste artigo, um especial destaque à identificação da menina com sua mãe. Os cuidados maternos sentidos de forma passiva são transformados em ativos, como na brincadeira com bonecas, expressando o lado ativo de sua feminilidade. A transição para o pai é realizada com o auxílio das tendências passivas.

Em seu último artigo sobre a feminilidade (1933/1976), as posições anteriores são retomadas e aprofundadas, salientando ainda mais o papel do complexo de castração.

Reafirma que o complexo de Édipo nas mulheres é o resultado de um desenvolvimento demorado, criado por influência da castração que leva à inveja do pênis. A ausência do temor da castração faz a menina permanecer no Édipo um tempo maior, ocasionando um prejuízo na formação do superego.

Atribui à feminilidade uma maior quantidade de narcisismo, sendo mais importante para a mulher ser amada do que amar. A vaidade física entra como uma compensação tardia por sua inferioridade sexual original. A vergonha tem como finalidade ocultar a deficiência genital. A predominância da inveja em sua vida mental torna-a possuidora de um menor senso de justiça. As

mulheres são também mais débeis em seus interesses sociais e apresentam menor capacidade de sublimação. Ter um filho homem é a maior satisfação para uma mulher.

Uma atenção especial é dada à noção de bissexualidade: “Aquilo que constitui a masculinidade ou a feminilidade é uma característica desconhecida que foge do alcance da anatomia” (Freud, 1933/1976, p. 141). Afirma que reduzir a masculinidade à atividade e a feminilidade à passividade é um erro. Uma mãe é ativa com seu filho em todos os sentidos, e ter uma meta passiva é diferente de ter um comportamento passivo.

A supressão da agressividade nas mulheres é vista como constitucional e, também, por imposição social, favorecendo os impulsos masoquistas. Mas segue afirmando que a psicologia é incapaz de solucionar o enigma da feminilidade.

Em ‘Análise terminável e interminável’ (1937/1975), sustenta que a inveja do pênis na mulher — desejo de possuir um órgão genital masculino — e a luta do homem contra sua atitude passiva ou feminina para com outro homem constituem as fontes de maior resistência nas análises. Ou seja, ambos os sexos têm que lidar com o complexo de castração, e aqui Freud introduz o que ele denomina de repúdio da feminilidade, caracterizando a vida psíquica dos seres humanos.

Na opinião de Joel Birman (2002, p. 55), este deslocamento da castração para a feminilidade “reinsere na problemática sexual não só o excesso pulsional como também o desamparo, aspectos obscurecidos pela primazia atribuída ao falo”. A feminilidade passa a ser considerada como uma experiência comum a ambos os sexos e, com ela, o sujeito terá que se deparar na construção de sua subjetividade.

Ao dissociar mulher e feminilidade, Freud rompeu com o sistema de pensamento que pressupunha uma diferença de essências entre homens e mulheres característica da modernidade, dando, à psicanálise, novas armas para a compreensão da inscrição do indivíduo como sujeito sexuado na cultura. (Birman, 2002, p. 56).

Na mesma linha de pensamento, Jacques André, em ‘As origens femininas da sexualidade’ (1996), traz a hipótese de que a feminilidade é a própria qualidade da alteridade, o elemento feminino sendo o recalcado por natureza. Afirma que é no amor heterossexual que ocorre provavelmente o maior confronto com a alteridade, e que a parte narcísica, desejosa de encobrir o outro com o mesmo, é que vai contra isso. “A recusa da feminilidade pode ser entendida como a recusa para a abertura para o interior, para o inconsciente – em suma, como recusa à análise” (André, 1996, p. 145).

Autores contemporâneos a Freud e com ideias psicanalíticas sobre a sexualidade feminina contrárias a ele

Em seu livro 'Sexualidade feminina: uma abordagem psicanalítica contemporânea' (1988), Janine Chasseguet-Smirgel sintetiza as concepções freudianas neste tema, introduzindo autores a ele contemporâneos e com ideias tanto semelhantes quanto opostas. A seguir, será apresentada uma síntese das contribuições do último grupo em função do importante contraponto oferecido às discussões atuais. As principais ideias destes quatro autores abaixo relacionados foram extraídas do livro de Chasseguet- Smirgel acima referido.

Josine Müller (1932) observou o despertar precoce da vagina ligado a práticas masturbatórias. A vagina é, pois, investida libidinalmente muito cedo e constitui a zona erógena mais importante para a menina. Este investimento precoce é reprimido em benefício do clitóris (secundário e defensivo). As mulheres que podem investir sua vagina têm uma maior autoestima e o desejo por um pênis tende a desaparecer.

Karen Horney (1932, 1933), ao abordar a sexualidade masculina, refere que a pretensa ignorância da vagina está ligada ao medo diante da mãe, tendo em vista os desejos agressivos projetados e, também, pela ferida narcísica decorrente da frustração de seus desejos edipianos. Assim, a organização fálica, com exclusão da vagina, é secundária. O homem anulará seus temores e compensará seu fracasso primário junto à mãe ou idealizando o objeto, ou rebaixando-o, triunfando sobre um grande número de mulheres, evitando o contato com elas (escolha homossexual), ou ainda estenderá seu desprezo ao sexo feminino em geral.

Em relação às meninas, também colheu informações sobre a frequência e precocidade da masturbação vaginal. Estas serão reprimidas e transferidas ao clitóris com fins defensivos. O temor maior da menina está relacionado aos ataques ao interior de seu corpo. O problema da frigidez seria decorrente da repressão das excitações vaginais. A existência de pulsões de castração em relação ao pai deve-se à frustração edipiana e ao temor do talião.

Melanie Klein (1932) segue na mesma linha afirmando que as meninas têm um conhecimento precoce e, ao menos, inconsciente da vagina. A receptividade oral e vaginal feminina é primária, a inveja do pênis é secundária, ou seja, não é constitutiva da menina e sim instalada secundariamente devido ao fracasso de identificação com a mãe no seu desejo de ter bebês. O pênis se transforma de objeto de desejo em objeto de inveja. A vagina é reprimida em proveito do clitóris, órgão visível. Ele é investido de forma feminina, com fantasias de incorporação do pênis paterno.

O Édipo da menina é precoce, instalando-se desde a fase oral por deslocamento do seio frustrante ao pênis do pai. Mas o pênis paterno é vivenciado como sendo retido no interior da mãe. Isso levará a menina a dirigir ataques sádicos ao interior do corpo da mãe, que, por sua vez, despertarão o temor de revide, com a fantasia de destruição de seus órgãos internos. Assim, a angústia de aniquilamento e a inveja do seio como fonte inesgotável de alimento ficam em primeiro plano. O complexo de castração ocupa um lugar secundário. O superego feminino é mais severo que o masculino tendo em vista a maior submissão da menina ao pai introjetado.

Ernest Jones (1927, 1932, 1935) propõe que, tanto no menino quanto na menina, o temor fundamental é da abolição da sexualidade (afânise). A ideia da perda do pênis é apenas uma transformação deste temor. Na mulher, este temor aparecerá como medo de ser abandonada.

A fase fálica nas meninas é provavelmente uma construção defensiva secundária, mais do que uma verdadeira fase do desenvolvimento. Nos meninos, a fase fálica é também um compromisso neurótico. Em ambos os sexos, relaciona-se com os desejos edípianos culpados e perigosos.

Afirma que a menina tem um conhecimento inconsciente da vagina e que o desejo de ter um filho é primário e objetual. A menina deseja, antes de tudo, incorporar um pênis e dele fazer um filho. O Édipo entra em jogo no momento em que ela percebe que a mãe retém o pênis do pai, tornando-se, então, sua rival.

Importante destacar que as posições de Jones contrárias às ideias de Freud — a quem era discípulo fiel — assim como as concepções das demais autoras citadas, não levaram a uma discussão profunda ou mesmo a alguma síntese naquele momento tão fecundo do movimento psicanalítico (Chasseguet-Smirgel, 1988).

Pode-se pensar que contrariar algumas formulações essenciais à teoria psicanalítica da época poderia criar um distanciamento do criador — ainda vivo na década de 1930, e muitas vezes inflexível em seus pontos de vista. Se nos detivermos nas polêmicas geradas pela influência kleiniana no solo britânico, entenderemos um pouco mais estes desafios.

As concepções lacanianas

Foi Lacan (1999) quem elevou o vocábulo “falo” à categoria de conceito analítico, reservando o termo “pênis” para designar o órgão anatômico masculino. Freud apenas esboçara esta diferença. Assim, a primazia do falo não deve ser confundida com uma suposta primazia do pênis.

O que organiza a sexualidade humana é a representação construída pela presença ou ausência do falo.

A castração não é definida somente como uma ameaça para os meninos ou como uma falta para as meninas. Ela se define, fundamentalmente, pela separação entre a mãe e a criança. A mãe, como toda mulher, coloca o filho no lugar do falo imaginário, e o filho se identifica com este lugar para preencher o desejo materno. A castração incide, assim, sobre o vínculo mãe e filho, sendo o seu agente, em geral, o pai, representante da lei da proibição do incesto. Esta operação (castração) é simbólica e seu objeto, imaginário. Ou seja, “ela é a lei que rompe a ilusão de cada ser humano de se acreditar possuidor ou identificado com uma onipotência imaginária”. (Nasio, 1997, p. 38).

A evolução da criança de ambos os sexos é a mesma até o momento estrutural da castração, não o será posteriormente. A intervenção simbólica do pai produz uma mesma marca em ambos: uma identificação viril com o pai, mas o destino desta marca será diferente para cada um. O menino resolve seu Édipo identificando-se com seu pai e separando-se de sua mãe. Na menina, a identificação masculina, necessária em termos estruturais — a constitui como sujeito — não resolve sua questão identificatória, tendo que procurar uma identificação feminina junto à mãe, mulher como ela. Assim, o processo edípico na menina deixa um resto na condição de separação com a mãe, resto este que fica sem cobertura simbólica. Ao deixar de ser o falo da mãe, ela fica sem saber qual o seu lugar no desejo do Outro (Zalberg, 2003).

A menina, mais que o menino, tem dificuldade de superar a relação original com a mãe, visto que, idealizada, conteria o mistério de sua sexualidade. Lacan assinala a importância de a mãe poder viver-se mãe e mulher para, assim, a filha poder formar sua feminilidade distinta da de sua mãe. Ressalta, ainda, que a mulher não existe: além da falta-a-ser, característica de todo sujeito que fala, a mulher tem que haver-se com a falta de um significante específico de seu sexo, o feminino. Por isso, é mais difícil a ela renunciar à demanda ao outro, nas palavras de Zalberg (2003).

A ausência do pênis faz da mulher o falo, e ela só é falo no nível de sua relação com o homem. É sempre para um Outro que se pode ser o falo. Assim, ela se torna o representante do que falta no homem, o objeto causa de seu desejo.

A comédia dos sexos é o que homens e mulheres estabelecem entre si, regulados, ambos, pelo falo. Nessa comédia, o homem pretende “ter” o falo (que, em verdade, ninguém tem) e a mulher adota a mascarada como forma de esconder sua falta de tê-lo. É por meio desta mascarada, deste jogo sobre sua falta, que a mulher constrói uma feminilidade possível: faz-se amada pelo que ela não tem e desejada pelo que ela não é. Esconde para melhor mostrar (Zalberg, 2003).

Foi Joan Rivière (1929 como citado em Zalberg, 2003) quem propôs a noção de mascarada, pois a mulher finge ser mulher para proteger sua masculinidade ameaçada por temor da retaliação dos homens. Para ela, a feminilidade seria sempre um disfarce. Lacan modifica esta ideia.

A relação sexual não existe, pois ser homem ou ser mulher tem a ver com a posição subjetiva que cada um adota em relação à lei fálica. Assim, o sexo é um atributo secundário do eu. Não existe diferença entre os sexos nas representações inconscientes do sujeito. A inexistência da relação sexual se dá por ambos viverem esta relação nas respectivas fantasias. A mulher se posiciona como objeto (a) na fantasia do homem (objeto causa de seu desejo). O homem busca, seja o falo, seja o objeto (a), obtendo gozo de detalhes fetichistas. “O homem não tem acesso à mulher, pois ele pode tomá-la apenas como objeto em sua fantasia, e a mulher tem de passar pela fantasia do homem – como falo ou como objeto (a) – como condição de sua feminilidade” (Zalberg, 2003, p. 106).

Algumas contribuições de autores contemporâneos

Harold Blum (1982) parte da análise das contribuições de Freud e demais autores contemporâneos a este, incluindo as mais recentes pesquisas analíticas e de outras disciplinas. Reconhece a bissexualidade psicológica de ambos os sexos, bem como diferenças, semelhanças e inter-relacionamento em linhas de desenvolvimento e organização da personalidade de homens e mulheres.

As primitivas proposições psicanalíticas de uma estrutura psíquica feminina deficiente e reduzida eram experimentais e não foram confirmadas pelos dados psicanalíticos correntes. Devo repetir que pertencem a uma fase primitiva da psicanálise, um período histórico, quando o papel da cultura era eclipsado pelas considerações biológicas, quando um entendimento do desenvolvimento pré-edípico e pós-edípico mal começava a ser delineado, e a apreciação da relação mãe-filho e a importância da responsabilidade e adaptabilidade maternas sublimadas eram insuficientemente avaliadas. (Blum, 1982, p. 123).

O autor segue afirmando que a consciência e as sensações clitoriais, assim como outras consciências e sensações genitais contribuem para a experiência corporal feminina e para reações afetivas da menina para com seus pais. O clitóris não pode ser descrito como masculino, embora possa ser investido de significado bissexual. Na organização psicosexual adulta, o clitóris não cede sua sensibilidade, mas forma uma unidade funcional com outras estruturas genitais.

A respeito do masoquismo, embora possa a mulher ser mais predisposta a ele, não há evidências de particular prazer feminino na dor. “É importante distinguir entre sofrimento

masoquista como meta em si mesma e como tolerância a um desconforto ou privação a serviço do ego ou do ideal do ego” (Blum, 1982, p. 134).

O ego e o superego femininos não são inferiores aos masculinos, são apenas diferentes. A inveja do pênis contribui para o caráter feminino, mas não é o maior determinante da feminilidade. Para ele, a criatividade feminina se manifesta na maternidade e, também, em novas formas de expressão. A feminilidade evolui sob a influência dos pais e da cultura, com desafios e transformações únicos, sendo que as funções e os papéis da mulher não deveriam ser idealizados nem desvalorizados.

Christiane Olivier (1986) questiona a sexualidade feminina descrita por Freud, especialmente no que se refere à inveja do pênis e à renúncia do clitóris. Para ela, a inveja está presente em ambos os sexos e visaria os atributos sexuais do outro. A assimilação do clitóris a algo masculino teria como consequência tornar a excitação da vagina como a legitimação da feminilidade e, portanto, garantir que se torne útil ao gozo do homem. Isso levaria a mulher a gozar apenas na condição de se identificar ao desejo do outro. A mulher, assim, teria acesso apenas a um gozo histórico. Só recentemente as mulheres começaram a se mostrar como são e não como os homens as querem.

Agora, se não perdermos de vista que o educador, na maioria dos casos, é uma mulher, e que esta mulher só encontra complementaridade no sexo do homem, salta aos olhos que seu filho é para ela “objeto sexual”, enquanto a filha não o é. Significa que o menino tem na mãe um “objeto sexual satisfatório”, enquanto a menina só o teria no pai. (Olivier, 1986, p. 51).

A autora afirma que esta insatisfação marca profundamente o caráter da menina. Seu sexo não é desejado por ninguém e, se mais tarde se volta para o pai, é porque não tem um despertar sexual possível com a mãe. Ela é amada como criança, mas não desejada enquanto corpo, o que a faz sentir-se insatisfatória frente ao não-desejo de sua mãe. Assim, a menina, e depois a mulher, nunca estará satisfeita com o que tem, com o que é. Sempre acha que há algo errado em seu corpo. Culturalmente, a mãe não a reconhece como feminina e barra as satisfações clitorianas de sua filha. “E a menina, desesperada por não ter sexo (clitóris não reconhecido) nem objeto sexual (pai ausente) vai, não recalcar sua sexualidade, como acreditava Freud, mas deslocar esta sexualidade impossível enquanto tal” (Olivier, 1986, p. 60).

Assim, sexualizará tudo o que o outro possa nela ver, então, diz-se que ela se torna histérica por apelar continuamente ao olhar do outro em busca de uma resposta por sua identidade sexual.

Acredita que, quando o homem puder se aproximar mais dos filhos, em especial, a menina deixará de sentir-se insatisfeita e não terá tanta necessidade de perfeição para sentir-se segura.

Em relação ao filho homem, esta é a oportunidade única para a mãe de se ver sob a forma masculina. “Quanto mais prolongada for a crença da mãe na unicidade com o filho, mais violenta e persistente será a oposição do menino” (Olivier, 1986, p. 54). Quando no Édipo, ele terá que dela afastar-se, lutando contra a vontade dessa mãe, constituindo-se em uma longa e sutil guerra. Para a autora, este é o motivo pelo qual os meninos tendem a amadurecer mais tarde que as meninas. Decorre daí o medo dos homens à dominação feminina, o pânico diante de qualquer simbiose com outra mulher, sendo este o principal motor da misoginia. É um círculo vicioso, em que a mulher, por ter se mantido à distância pelo marido, agarra-se ao filho, preparando nele a distância para a próxima mulher.

Emilce Dio Bleichmar (1988) propõe que a identidade de gênero é anterior ao reconhecimento da diferença anatômica. Menino e menina sabem, desde idade precoce, que são diferentes. O drama da menina tem início quando, ao reconhecer a diferença anatômica, descobre também a inferioridade da mãe, inferioridade esta que não se limita à própria castração, mas a de seu ser social.

Acreditamos que a principal consequência psíquica do complexo de castração para a menina é a perda do Ideal Feminino Primário, a completa desvalorização de si mesma, o transtorno de seu sistema narcisista, e que a interrogação a elucidar não é como faz a menina para trocar de objeto e passar da mãe ao pai, mas sim como faz a menina para desejar ser uma mulher num mundo paternalista, fálico. (Bleichmar, 1988, p. 23).

Bleichmar (1988) incorpora o conceito de gênero, não considerando feminilidade como sinônimo de sexualidade feminina. O complexo de castração orienta e normativiza o desejo sexual, não o gênero. Ou seja, decide sobre a sexualidade feminina, não o gênero.

Ao estudar o feminismo espontâneo da histeria, identifica neste lugar a expressão mais clara do conflito feminino. Este conflito narcisista pode ser pensado como um protesto a continuar sendo objeto do desejo do outro, mesmo à custa de sua feminilidade, ficando sem amor e sem sexo. Ou seja, o feminismo espontâneo, aberrante da histérica, com sua friquidez, sua ausência de gozo, nada mais é que uma reivindicação por ser reconhecida, não só desejada.

Laznik (2003) descarta a ideia de Freud de que a libido aumenta no momento da menopausa. Todavia, endossa a tese desta última de que neste período ocorreria um terceiro Édipo, sendo que os fantasmas incestuosos seriam dirigidos ao filho adulto ou algum substituto dele. Laznik (2003) nomeia como complexo de Jocasta estes fantasmas que seriam responsáveis pela luta contra a emergência de qualquer fantasia sexual. São várias as saídas observadas nesta fase: a procura por homens mais jovens, a realização da fantasia amorosa com o filho, pagando o preço da renúncia à

sexualidade genital, ou tomar o filho como centro de interesse e poder. Para ela, o fantasma inconsciente do amor incestuoso pelo filho ou equivalente pode estar na origem de diversas inibições sexuais.

A menstruação é o vestígio mais palpável da identidade feminina, ligando-se às representações da feminilidade, da sexualidade e da fecundidade. Na menopausa, a mulher perde não apenas a possibilidade de gerar um filho, compensação fálica, como também seu corpo perde o brilho fálico que tinha para o olhar dos homens. Algumas mulheres conseguem sustentar um lugar de objeto causa de desejo para o homem que amam, mas muitas desistem. Uma saída nesta época seria, assim, aliar uma realização profissional viril à manutenção de uma demanda dirigida ao Outro do outro sexo.

As contribuições desta autora trazem à lembrança a novela ‘A senhora Beate e seu filho’ (2001), de Arthur Schnitzler, vienense contemporâneo de Freud, que traduz, em linguagem literária, a intimidade, as inquietações e os desejos de uma mulher viúva para com seu filho.

Paulo Roberto Ceccarelli (2013, p. 1) formula a hipótese de que “toda elaboração sobre a sexualidade feminina seria um recurso utilizado pelos homens para não terem que enfrentar a construção de sua própria sexualidade e, mais ainda, para manter o discurso androcêntrico dominante”. Após tecer algumas considerações históricas acerca da sexualidade na cultura ocidental, afirma que a dualidade presença/ausência do pênis transformou a diferença sexual em um instrumento ideológico, determinando relações fixas entre homens e mulheres. O modelo psicanalítico, tanto para Freud quanto para Lacan, é falocêntrico. Determinar a diferença entre os sexos a partir da referência fálica reforça a desigualdade dos sexos. Propõe que se possa fazer uma desconstrução do modelo clássico psicanalítico, atendendo às mudanças sociais. Em outro momento (2016), afirma que a grande castração é a alteridade, a existência de um outro.

Ana Maria Sigal (2009) interroga-se a respeito da escolha de Freud em tomar o homem como ponto de referência a partir do qual o mundo e o outro são vistos. E se a mulher fosse tomada como referência? Certamente outros caminhos teriam sido percorridos e outras categorias epistemológicas teriam sido instituídas.

Nesta linha, questiona-se quanto à qualidade de universalidade da primazia do falo e da consequente inveja do pênis, se não seriam diferenças sócio-históricas de subjetivação de homens e mulheres.

Considera que “o filho é algo mais que o brilho fálico que outorga uma completude narcísica . . . Homens e mulheres projetam no filho o que se deseja e o que falta e também o que se tem”

(Sigal, 2009, p. 63). Não concorda com a ideia de reduzir tudo o que falta ao falo, pois isto fecha as possibilidades de escuta.

A criança é, para a mulher-mãe, um “novo objeto de investimento libidinal que não alude só à falta, mas que lhe permite descobrir o prazer da doação e o lugar da criação, da procriação e da criatividade como potencialidade do humano e não como falta do feminino” (Sigal, 2009, p. 67).

Considerações finais

Em seus estudos acerca da sexualidade humana, Freud constrói a tese de um monismo sexual fálico, de uma libido única e da existência da bissexualidade. Dedicar-se a entender as sexualidades masculina e feminina a partir dos conceitos de castração e a ansiedade dela decorrente, bem como da inveja do pênis. E é sobre estes pilares que a psicanálise ergue seus alicerces.

A partir das décadas de 1920 e 30, alguns autores como Josine Müller, Karen Horney, Ernest Jones e Melanie Klein (citados por Smirgel, 1988) irão manifestar-se contrários à ideia do monismo fálico, entre outros aspectos. Klein, inclusive, será responsável por enfatizar a importância das relações arcaicas com a mãe, especialmente no que se refere ao ódio. Freud, nos anos 30, corrige sua posição anterior, passando a destacar a importância da relação pré-edípica da menina com sua mãe, mas mantém suas concepções originais. Conforme exposto anteriormente, chama a atenção não ter havido, na época, um aprofundamento na discussão destas diferenças tão relevantes.

Ao proclamar, em 1933, que a anatomia não é o destino, ao contrário do pronunciado em 1924, Freud torna evidente que nenhum sujeito é portador de uma pura especificidade masculina ou feminina, o que vai ser evidenciado por Stoller (1993) através da criação do conceito de gênero. Este autor fará a distinção entre sexo, como especificidade anatômica, e gênero, como identidade psicologicamente motivada e, portanto, construída especialmente na infância na relação com os pais e o meio social.

As considerações expostas nos parágrafos acima evidenciam o Freud conservador, produto do seu tempo e da cultura vigente e, ao mesmo tempo, revolucionário. Roudinesco e Plon (1998), ao comentarem estes aspectos conservadores e por vezes misóginos de Freud, sugerem ao leitor não se deixar levar pelas aparências, salientando que, para ele, “a existência de uma diferença anatômica entre os sexos não desembocava numa concepção naturalista, uma vez que essa famosa diferença, ausente no inconsciente, atesta, para o sujeito, uma contradição estrutural entre a ordem psíquica e a ordem anatômica” (Roudinesco & Plon, 1998, p. 707).

Lacan (1999), partindo de Freud, propõe um novo olhar sobre a sexualidade feminina. Apesar de manter o conceito de monismo sexual, assimila o falo a um significante, exercendo, assim, uma função simbólica, deixando de ser articulado com a anatomia e passando a vincular-se ao desejo. Introduce a interessante separação entre mãe e mulher, tema este bastante aprofundado por Malvine Zalcberg (2003). Mas o autor segue o modelo freudiano falocêntrico, afirmando que a feminilidade se liga à identificação profunda com o significante fálico, buscando ser o objeto do desejo do outro.

Os autores contemporâneos encontram-se divididos entre os que seguem os desenvolvimentos especialmente freudianos ou lacanianos (em maior número) e aqueles questionadores destas proposições, sem necessariamente refutá-las no todo. O presente trabalho privilegiou esta última linha, buscando novos olhares acerca do prazer feminino, do masoquismo, ego e superego femininos (Blum, 1982); os aspectos culturais envolvidos na criação do filho homem e da filha mulher com suas respectivas implicações inconscientes (Olivier, 1986); o feminismo espontâneo da histeria e o ideal feminino primário, concepções originais de Emilce Dio Bleichmar (1988). Destacou, ainda, as considerações de Ana Maria Sigal (2009) acerca do filho, significando para a mulher algo mais que um brilho fálico; Laznik (2003) e suas contribuições acerca da menopausa na mulher e, finalmente, Paulo Roberto Ceccarelli (2013) questionando o discurso androcêntrico dominante e sua afirmação de que a grande castração é a alteridade.

Contemporâneos a Freud ousaram destacar o precoce investimento da vagina como zona erógena, entre outros achados, o que contraria a ideia do monismo sexual. Posteriormente, vários autores expuseram ideias originais, conforme explicitado acima. Todavia, percebe-se que grande parte da literatura psicanalítica se estrutura em torno do modelo androcêntrico, do monismo sexual fálico, com as conseqüentes angústias de castração e inveja do pênis, pouco aberta para qualquer modificação nestas concepções. Alguns acréscimos lançados pelo próprio Freud ao longo de sua obra parecem, muitas vezes, ser relegados por alguns autores contemporâneos que insistem em sua inicial afirmativa de que a anatomia é o destino, esquecendo-se de sua retratação posterior. A original ideia por ele lançada em 1937 acerca do repúdio da feminilidade como característica comum à vida psíquica de todos os seres humanos não parece ter sido suficientemente amplificada. Este tema poderia dar margem a uma especulação de que é este repúdio o que estaria, quem sabe, por trás da origem das teorias falocênicas. Agrega-se a isto a concepção kleiniana acerca da inveja do seio como objeto primário bom, imprimindo força ao desejo masculino de sobrepor-se a este poder feminino.

Não é possível esquecer a sobredeterminação dos fenômenos psíquicos e então considerar, entre outros aspectos, que o bebê de ambos os sexos tem na mãe o primeiro objeto de amor. Assim, a menina terá que deslocar seu amor do objeto mãe para o objeto pai, necessitando de um esforço maior para seduzir este terceiro e sentir-se amada. Poderia ser este um dos motivos que leva a mulher a investir em seus atributos físicos, em buscar ser admirada e desejada, e não por uma pretensa inferioridade física na comparação com o homem.

Pensar a ideia de castração como referência ao significante falo não seria insistir na hegemonia do sexo masculino quando, na verdade, o termo castração refere-se aos órgãos reprodutores masculino e feminino? A castração significa uma ameaça tanto para meninos quanto para meninas e desvinculá-la do pênis/falo, necessariamente, não representaria uma modificação tão extensa da psicanálise clássica. A inveja, presente em ambos os sexos e estando direcionada, como propõe Olivier (1986), aos atributos sexuais do outro, demonstra o quanto a diferença, a alteridade, mobiliza a todos. Concorda-se com Ceccarelli (2013), quando afirma ser a alteridade a grande castração. É a presença de um terceiro que se impõe na relação dual, rompendo com o imaginário e possibilitando a ascensão ao simbólico.

Embora ausente nesta exposição, cabe enfatizar a relevância dos estudos realizados por Maria Rita Kehl (2016) na busca por um maior aprofundamento sobre os discursos dominantes referentes à mulher e à feminilidade quando da passagem da tradição para a modernidade, época em que a psicanálise foi criada. A autora, entre outros aspectos, questiona a produção de um saber sobre a identidade da mulher, reforçando a necessidade de pensar-se em sua singularidade: o que quer uma mulher? Segue, ainda, a indicação do livro 'Figurações do feminino' (1989), de Danièle Brun, com suas ideias acerca da relação mãe e filha, sugerindo-se a leitura atenta destas obras.

Como anteriormente citado, buscou-se destacar apenas alguns aspectos considerados relevantes sobre a sexualidade feminina, visando despertar o interesse dos leitores para um maior aprofundamento desta temática. Uma compreensão mais apurada necessariamente levaria a contemplar aspectos históricos de grande relevância, como os movimentos feministas e suas implicações sociais, culturais e políticas, além das novas configurações de gênero que desorganizam a construção do que seja masculinidade e feminilidade. Buscou-se, todavia, neste trabalho, focar a sexualidade feminina na mulher.

Referências

- André, J. (1996). *As origens femininas da sexualidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
Birman, J. (2002). *Feminilidades*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria.

- Bleichmar, E. D. (1988). *O feminismo espontâneo da histeria*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Blum, H. (1982). *Psicologia feminina*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Brun, D. (1989). *Figurações do feminino*. São Paulo: Escuta.
- Chasseguet-Smirgel, J. (1988). *Sexualidade feminina*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Ceccarelli, P. R. (2013). Reflexões sobre a sexualidade masculina. *P@PSIC (Periódicos eletrônicos em psicologia)*. Reverso, vol.35, nº66. Belo Horizonte.
- Ceccarelli, P. R. (2016). A invenção da sexualidade. Conferência realizada na XX Jornada Científica do CEPdePA. Porto Alegre.
- Freud, S. (1972). *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (Obras completas, Vol. 6). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1905)
- Freud, S. (1976). *Sobre as teorias sexuais das crianças* (Obras completas, Vol. 9). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1908)
- Freud, S. (1976). *A organização genital infantil* (Obras completas, Vol. 16). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1923)
- Freud, S. (1976) *A dissolução do complexo de Édipo* (Obras Completas, Vol. 8). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1924)
- Freud, S. (1976). *Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos* (Obras completas, Vol. 19). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1925)
- Freud, S. (1974). *Sexualidade feminina* (Obras completas, Vol. 18). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1931)
- Freud, S. (1976). *Feminilidade: Novas conferências introdutórias sobre psicanálise* (Obras completas, Vol. 22). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1933)
- Freud, S. (1975). *Análise terminável e interminável* (Obras completas, Vol. 19). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1937)
- Kehl, M. R. (2016). *Deslocamentos do feminino: A mulher freudiana na passagem para a modernidade*. São Paulo: Boitempo.
- Lacan, J. (1999). *As formações do inconsciente*. Livro 5. Rio de Janeiro: Ed. Zahar.
- Laznik, M.-C. (2003). *O complexo de Jocasta: Feminilidade e sexualidade pelo prisma da menopausa*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Nasio, J.-D. (1997). *Lições sobre os sete conceitos cruciais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Olivier, C. (1986). *Os filhos de Jocasta: A marca da mãe*. Porto Alegre: L&PM.
- Roudinesco, E. & Plon, M. (1998). *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Schnitzler, A. (2001). *A senhora Beate e seu filho*. Porto Alegre: L&PM.
- Sigal, A. M. (2009). *Escritos metapsicológicos e clínicos*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Stoller, R. (1993). *Masculinidade e feminilidade: Apresentação do gênero*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Zalberg, M. (2003). *A relação mãe e filha*. Rio de Janeiro: Campus.